

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)  
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

## PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº55 - JUNHO - PORTO VELHO, 2002  
VOLUME IV  
ISSN 1517-5421

EDITOR

**NILSON SANTOS**

CONSELHO EDITORIAL

**ALBERTO LINS CALDAS** - História  
**ARNEIDE CEMIN** - Antropologia  
**ARTUR MORETTI** - Física  
**CELSO FERRAREZI** - Letras  
**FABÍOLA LINS CALDAS** - História  
**JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL** - Geografia  
**MARIA CELESTE SAID MARQUES** - Educação  
**MARIO COZZUOL** - Biologia  
**MIGUEL NENEVÉ** - Letras  
**VALDEMIR MIOTELLO** - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times  
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"  
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775  
CEP: 78.900-970  
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

# PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

*lathé biosa* **55**



**NO GRANDE SERTÃO DE CAICÓ:  
O CADERNO DE ANOTAÇÕES**

**ABEL SIDNEY DE SOUZA**



**Abel Sidney de Souza**

Professor de Sociologia

abelsidney@bol.com.br

**No Grande Sertão de Caicó: o Caderno de Anotações**

A pequena história que hei de narrar, li-a, ainda manuscrita, em um caderno de notas, que encontrei no meio de um livro, numa biblioteca do centro do Rio. Levantava dados para a minha monografia de final de curso e passeava os olhos pelas prateleiras quando deparei-me com um livro enorme, capa grossa. O livro, um dicionário do folclore nordestino, era raro, edição limitada a poucos exemplares, datado de 1929. Editado no Recife, era um primor de impressão. Abri-o ao meio e encontrei o tal caderno, desses sem espiral, de poucas páginas, muito usado nos primeiros anos de escola pelos alunos de poucos recursos.

Entre as notas de uma verdadeira expedição etnográfica ao sertão do Caicó, no Rio Grande do Norte, capitaneada pelo Câmara Cascudo, encontrei algumas anotações pessoais do autor. O autor, possivelmente um estudante de antropologia ou sociologia, assinava Luís Felipe Barbosa de Alencar. Presume-se por certas palavras empregadas em suas descrições, que era de Pernambuco. O sobrenome era de famílias da região. Estudaria no Recife. A data da expedição, felizmente, não foi necessário deduzir. Estava anotada em muitas das páginas. Segundo a cronologia do caderno, a expedição, ou parte dela, começou no dia 11 de março e teria se encerrado em 23 de maio. O ano: 1948.

Mais tarde eu confirmaria a suspeita de que ele era realmente do Recife por esse lembrete colocado em destaque num canto de página: 'Consultar o prof. Gilberto'. Gilberto Freyre, com certeza, o renomado autor de Casa Grande & Senzala.

O levantamento dos usos e costumes do povo do sertão potiguar surgiam a cada página, vivos. Ele descrevia tudo com muita elegância de estilo. Os mitos, as superstições, a culinária, o palavreado rústico e poético do sertanejo, estavam ali descritos segundo um plano pré-traçado, através de métodos de coleta de dados. Era possível mesmo vislumbrar esses marcos de orientação.

Num certo trecho das descrições a sua caligrafia começa a sofrer uns pequenos abalos, à semelhança dos tremores de terra, comuns naquela região. O aprendiz de cientista começava dar lugar ao escritor. Ou ao poeta. Metódico que era, permaneceu. Por senso de disciplina, tomou o cuidado de demarcar um e outro. Abriu um grande parênteses e narrou a história que ora transcrevo, por conta da ortografia da época, com minhas palavras, narrado na primeira pessoa (dele).

### **A estranha frase que continuaria misteriosa**

"Na porta da casa uma inscrição quase rupestre. Desenhos feitos pelas crianças, a carvão. E como complemento essa frase enigmática: 'no lago cheio de caniços' escrita com uma caligrafia firme e elegante. Entramos. Móveis rústicos na sala, redes nos quartos, nada diferente das outras casas visitadas. O resto da expedição ficara no povoado tomando nota das cantigas de roda e brincadeiras infantis. Eu e o professor Cascudo viemos abrir essa nova frente. O 'lago cheio de caniços' também o intrigou. Homem de poucas palavras em campo, dizia que devíamos privilegiar entre todos os sentidos, o da audição, que ele resumia numa frase: 'são eles que têm muito a nos dizer'".

Colhidos os dados, por insistência de D. Cecília, ficamos para o jantar e o pouso. Ela tinha os seus 'jardins suspensos', terraços feitos numa pequena elevação do terreno, atrás da casa, onde plantava alguns legumes, a despeito da seca da região. Viúva, com cinco filhos para tratar, teimava em não contrair segundas núpcias. Perguntei-a, com indiscrição reprovada pelo olhar do professor, por quê não se casava de novo, com tantos filhos para cuidar. Disse não precisar de homem p'ra nada. Podia muito bem ser mãe e pai. E as crianças, além disso, não queriam nenhum homem na sua vida.

Os meninos, como ela os chamava, eram todos mirradinhos. Três meninos e duas meninas. Idades entre cinco e quinze anos. Exatos dois anos entre um e outro. Ela contou-nos que ditava o ritmo do nascimento dos filhos. Não era uma dessas mulheres parideiras sem métodos, que põe menino p'ra fora como os animais. O olhar de altivez, com que nos olhava, em certos momentos, me amedrontava. Olhos estranhamente azuis. Não só a mim assustava, mas aos filhos também. Um deles, flagrado numa arte, ao defrontá-lo paralisou. Ela apenas disse: 'Menino!' Ele estatelou, deu meia volta e saiu de mansinho. Rimos muito.

Após o jantar sentamos na sala para conversar. O professor ensinava às crianças menores umas brincadeiras que colhera em outras regiões. Eu conversava com o filho mais velho, sobre as suas caçadas. D. Cecília, inquieta, arrumava uma coisa e outra, na estante tosca que improvisara com umas tábuas. Uma das meninas, a menorzinha, correu até a mãe e perguntou se ela não contaria 'estorinha aquela noite'. Antes que a mãe pudesse repreendê-la, o professor interferiu. Disse que a idéia era perfeita para uma noite como aquela de lua cheia. A Lurdinha com a concordância da mãe, tomou um grande livro na mão e entregou a ela. O livro, conforme examinamos no outro dia, ao partir, era a edição antiquíssima de uma coletânea de contos infantis. Lá estavam os irmãos Grimm, Esopo, Andersen, La Fontaine. Os desenhos, feitos a bico de pena, eram monocromáticos. O que não diminuía o encanto daquela tão cuidada edição. Investigando, soubemos que fora herança de seu avó, que o recebera como dívida, em Natal.

### **As histórias que não estavam no livro**

D. Cecília abriu solenemente o livro e começou a narrar a mais estranha e encantadora história que até então ouvira. O professor piscou os olhos para mim, como a me pedir toda a atenção. Ela começou: 'Ontem nós deixamos o Vitalino em pleno sertão, às voltas com os cangaceiros. Continuemos. O menino procurava o

grande lago cheio de caniços, lembram? Sabia, pela lenda, que se o encontrasse poderia formular três pedidos e seria atendido. Naquele dia ele viajou durante toda a manhã, com um sol de quarenta graus à sombra. A pouca água que tinha ele reservava para o seu jumento. Bebera uns goles ao amanhecer e resistia. Pelos rumores do vento, sabia que o seu destino estava próximo. As aves de arribação que voava no sentido contrário em que estava indo, também indicava isso. Parou para descansar e comeu uns punhados de farinha com rapadura. Deu água ao jumento, cortou um mandacaru, bebeu-lhe parte da água e triturou-o à faca para o seu amigo animal. Era tarde quando encontrou pelo caminho uma imensa serpente. Era mais uma pista. Quando a noite chegou ele já não resistia. Desmaiou, abraçado ao seu amigo, que continuou a caminhada, devagar. Quando a madrugada do outro dia era próximo, Vitalino acordou. Fora deixado no chão pelo jumento. Procurou-o com olhos ainda semi-abertos. O estranho frio da madrugada, úmido, o despertou de súbito. Levantou-se num salto e se deparou com um grande espelho de água. Era o lago cheio de caniços. O seu pé afundou-se no barro da beira, quando ele lhe penetrou as águas. No fundo, um barro claro, viscoso. Mergulhou, brincou, bebeu toda a água do mundo. Depois, com o sol nascendo, sentou-se à beira e começou a brincar com o barro. Desejou homenagear o jumento amigo. Esculpiu-o. Mais tarde, meus filhos, de volta a Caruaru, o Vitalino nunca mais se esqueceria do lago, seus caniços e do barro que melhor nunca mais encontraria. Dizia que era mágico, pois ele que não sabia esculpir, aprendeu tudo numa só manhã. Ah, os três desejos ele os formulou. Mas nunca revelou a ninguém quais eram. Bem, meninos, foi por isso que a mãe escreveu lá na porta o mote da história de hoje”.

Dormimos em redes armadas na pequena varanda da casa. Lágrimas nos olhos e uma grande leveza no coração. O professor ainda ficaria até quase a madrugada, anotando a história, palavra a palavra, à luz de uma vela. Eu sonharia com aquele lago cheio de caniços.

No outro dia tivemos que seguir viagem. Despedimo-nos, agradecidos. Eu e o professor percorremos longos quilômetros mergulhados no mais profundo silêncio. Ele propôs-me um desafio: 'Felipe, ao chegar em Caicó, cada qual terá que narrar a versão da história que ouvimos na noite passada. A versão eleita merecerá edição às minhas custas, seja eu ou você o vencedor.' A frase que D. Cecília escrevera a carvão, ao amanhecer, seguia comigo, gravada na retina: 'a chave caiu no fundo do lago e desapareceu'."

Essas foram as suas últimas palavras, antes de fechar o longo parênteses.

Procurei notícias do Luís Felipe, através de um amigo pernambucano. Ele conhecia toda a família, mas nunca ouvira falar do seu nome. Prometeu-me dar resposta no mais curto prazo. Na semana seguinte, recebi a resposta, que faço questão de transcrever: '...serei breve. O nosso amigo Luís Felipe morreu há muitos anos durante uma expedição ao sertão do Caicó. Uma estranha febre o acometeu. A família disse que morrera sob os seus cuidados aqui no Recife. Delirando até o último suspiro, repetia uma estranha frase: 'a chave caiu no fundo do lago e desapareceu...'

O caderno de notas devolvi à família. E nesse momento preparo a minha expedição ao sertão do Caicó. Buscarei vestígios do lago misterioso. Sei que só existia na imaginação de D. Cecília. Mas os seus descendentes, dessedentados graças às suas águas, devem ter coisas interessantes a contar.

## VITRINE

**DIVULGUE:**

PRIMEIRA VERSÃO  
NA INTERNET

**<http://www.unir.br/~primeira/index.html>**

Consulte o site e leia os artigos  
publicados

**SUGESTÃO DE LEITURA**

*verso azul  
no deserto da pauta*

*agulha no entulho*

*de repente  
a ave negra  
salta*

*e engole tudo*

**CARLOS MOREIRA**